



## TRAJETÓRIAS TRANSEXUAIS INTERFACE A CATEGORIA GERAÇÃO

Eixo temático 03

Maiara Cristina Pereira<sup>1</sup>  
Florêncio Mariano Costa Júnior<sup>2</sup>

### Resumo

As trajetórias transexuais são influenciadas por fatores geracionais, sendo a geração uma categoria na qual todo indivíduo se posiciona, e por categorias geracionais entende-se grupos de pessoas com trajetórias semelhantes e experiências comuns. Sabe-se que as masculinidades e feminilidades interseccionam-se com a geração mudando os significados atribuídos a essas trajetórias e influenciando as próximas e com a transexualidade não é diferente. Esta pesquisa trata-se de um ensaio teórico que parte da necessidade em ampliar as fronteiras científicas sobre a transexualidade e geração. Por meio de revisão bibliográfica e leitura de textos que abordam a temática da transexualidade pode-se observar ausência de materiais científicos que discorram sobre a transexualidade e a categoria geração.


**Palavras-chave:** Transexualidade. Geração. Sexualidade.

A transexualidade é uma condição humana que desperta inquietações, devido subverter a norma binária e naturalizadora que polariza o feminino e masculino. O conceito transexual surge na metade do século XX, desde então é categorizado e classificado pelas ciências biomédicas que determinam o que é adequado ou não na transexualidade (BENTO, 2004; LEITE JR, 2011). O DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) classifica a transexualidade como Transtorno de Disforia de Gênero. Tal classificação parte do descontentamento de um indivíduo em relação ao seu corpo com seu gênero e considera o transexual como um indivíduo que busca ativamente por uma transição social de um gênero para o outro, e que possui o desejo de alterar anatomicamente o corpo por meio de terapias hormonais e procedimentos cirúrgicos, que inclui a cirurgia de redesignação sexual. Esta definição e articulação entre as diferentes esferas do saber humano engendra uma sociedade de controle e de disciplina, que categoriza os corpos e classifica-os excluindo os que não seguem a norma, dentro desta realidade a transexualidade surge como “fenômeno” a ser estudado (BENTO, 2004; BUTLER, 2016; LEITE JR, 2011).

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestranda em Educação Sexual, UNESP/Araraquara. E-mail: [psique.maiarapereira@gmail.com](mailto:psique.maiarapereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicólogo. Docente no curso de Psicologia da FIB – Faculdades Integradas de Bauru e no Programa de Mestrado em Educação Sexual, UNESP/Araraquara-SP. E-mail: [mcostajunior@gmail.com](mailto:mcostajunior@gmail.com)






Sabe-se da importância e utilidade dos conceitos médicos na sociedade, porém cabe ressaltar que como todo saber humano, a ciência biomédica se estabelece sob as influências culturais, políticas e históricas e seu processo de ampliação das fronteiras ideológicas e éticas nem sempre acompanham a pluralidade de identidades e performances humanas (MURTA, 2011). Sendo assim, a transexualidade só é classificada como um transtorno devido ao saber biomédico ainda compreender a identidade sexual e de gênero como um processo binário e estático, mantendo a ideia de que há uma naturalização entre sexo biológico e gênero (BENTO, 2004). Esta concepção naturalista resulta nas patologizações de manifestações de gênero que não se enquadram na combinação “pênis-homem-masculino” ou “vagina-mulher-feminina” (ÁRAN; MURTA, 2009). Deve-se propor o caminho inverso da naturalização e questionar como certas características passaram a pertencer a determinados corpos, marcando uma identidade, uma divisão entre homens e mulheres que direciona trajetórias e possibilidades de vida (LOURO, 2000). A experiência transexual mostra que a verdade dos gêneros não está nos corpos, que resultam de um regime regulador e mantenedor de diferenças, mas pode estar na performance<sup>3</sup> (BUTLER, 2016). A falsa concepção de que há uma coerência entre sexo, gênero e desejo, mantém a inteligibilidade dos corpos e oculta às possíveis performatividades do mesmo. Ou seja, existe uma composição binária e arbitrária para cumprir com um modelo de verdadeiro ou falso, criando a ilusão que existam gêneros reais e aparentes, originais ou derivados, porém, não se deve ter esta compreensão limitada (BUTLER, 2016).

Além da forma subjetiva de viver a transexualidade, a multiplicidade dentro das trajetórias transexuais também pode ocorrer por fatores interseccionais, como por exemplo, classe social, raça e geração (MELO, et. al, 2015; BENTO, 2004). Essas novas propostas permitem uma nova forma de pensar e viver questões referentes a gênero, sexualidade e corpo, pois os corpos-mulheres e corpos-homens se reinventam constantemente na dinâmica social, o que leva a questionamentos acerca da padronização dos mesmos (PEREIRA, 2006). Pensando em uma análise das rupturas e continuidades de práticas culturais e modos de ser no mundo, as masculinidades e feminilidades são produto e produtoras de características geracionais, podendo representar diferentes formas em momentos distintos de faixa etária e maturidade

---

Butler utiliza o termo performance para se referir ao gênero, que não deve ser compreendido como algo estático e cristalizado do ser humano, ele não é uma identidade imutável e fixa, mas construída através da repetição de atos no decorrer do tempo. Entende-se gênero como performance, onde as pessoas atuam com crença os comportamentos esperados para determinado gênero, em que o fazer-se mulher e/ou homem emprega ao corpo uma conformação com uma maneira histórica de vivenciar os padrões. Mas, o ser humano não é passivo diante da cultura, podendo sempre realizar novas performances e romper com o binarismo vigente (BUTLER, 2016).



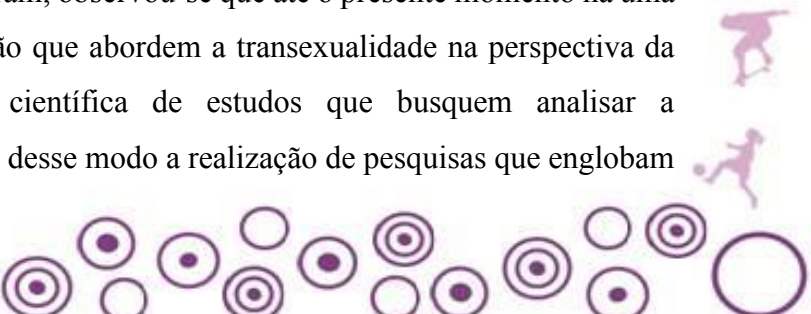



(COSTA JR, 2014). O discurso sobre o entendimento e vivência transexual é modificado conforme distintas gerações (SANTOS, 2013).

O conceito de geração foi incorporado nas ciências sociais no começo do século XX, e se destacou dentro de estudos sobre a sociedade (DOMINGUES, 2002). O termo gerações ganhou popularidade dentro de manifestações políticas, culturais, de desenvolvimento tecnológico e nos meios de comunicação (WELLER, MOTTA, 2010). A vida social se constitui em interatividade, em que atores individuais e coletividades influenciam-se mutuamente, ou seja, as subjetividades são influenciadas por outras coletividades que existiram. Sendo assim, uma geração tem impacto sobre as outras, mesmo que de maneira não intencional (DOMINGUES, 2002). A cada geração recebe-se um repertório cultural já existente, mas não é totalmente absorvido, pois considera-se os sentidos empregados a esses repertórios (COSTA JR, 2014). Ao utilizar o conceito geração, primeiramente pensa-se em uma posição biológica, como o nascimento e morte, mas as categorias geracionais não devem ser reduzidas somente a este aspecto. Um grupo com a data de nascimento em períodos próximos não podem ser considerados uma geração se não possuem experiências em comum. Os processos de constituição de gerações devem ser analisados considerando também a conjuntura política, social e histórica qual os atores sociais encontram-se inseridos, realizando-se uma análise de trajetórias sociais. Vive-se um momento em que o conhecimento a respeito das trajetórias geracionais se tornou imprescindível para entendimento das ações coletivas e os desafios enfrentados, e primordial para repensar a vida social e possibilitar uma mudança na sociedade (DOMINGUES, 2002; WELLER; MOTTA, 2010).

Esta pesquisa trata-se de um ensaio teórico sobre as temáticas transexualidade e geração. Entende-se por ensaio teórico uma escrita que pode possuir embasamento teórico, porém apresenta uma percepção da realidade, existindo uma vinculação entre o ensaio e a atualidade (LAROSSA, 2004). Um ensaio teórico possibilita a exposição de teorias, ideias e posições filosóficas. Ele possibilita expor observações realizadas sobre situações, e pode conter o esboço de uma ideia e/ou uma teoria (BERTERO, 2011).

Partindo da atual pertinência em ampliar as fronteiras científicas sobre a transexualidade e considerando a relevância na utilização da categoria Geração para a análise de fenômenos humanos que continuamente se reconfiguram, observou-se que até o presente momento há uma ausência de estudos interseccionais ou não que abordem a transexualidade na perspectiva da categoria geração. Há uma carência científica de estudos que busquem analisar a transexualidade sob uma ótica geracional, desse modo a realização de pesquisas que englobam





esta temática pode possibilitar uma análise de como as coletividades influenciam umas às outras através do tempo, e ao dialogar com as trajetórias transexuais, uma análise geracional torna-se importante para compreender se houveram mudanças através do tempo. Além disso a temática possui relevância social devido a categoria geração possibilitar uma ampliação de conhecimentos que relacionam contextos históricos, sociais e políticos, tornando possível comparações sobre as trajetórias transexuais, suas rupturas, continuidades e o modo como suas identidades foram se reconfigurando, permitindo uma maior compreensão sobre estas experiências.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.19, n.1, p.15-41, 2009.

AYRES, José Ricardo. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 549-560, 2005.

BENTO, Berenice. Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F; CARRARA, Sérgio (Orgs). **Da transexualidade oficial às transexualidades**. Rio de Janeiro: Garramond, 2004.

BERTERO, Carlos O. Réplica 2 - o que é um ensaio teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneghetti. **Revista de Administração Contemporânea**, v.15, n.2, p.338-342, Mar-Abr, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COSTA-JUNIOR, Florêncio M. **Geração, masculinidades e atenção primária à saúde em três cidades do Nordeste brasileiro**. 238f. Tese (Doutorado) – Programa de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2014.

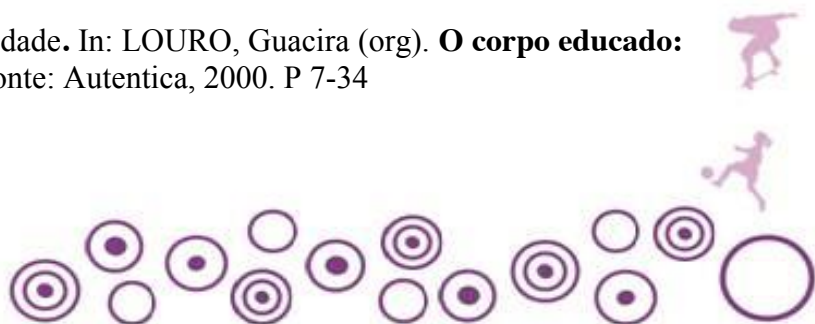
DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social**, v. 14, n.1, p. 67-89, maio, 2002.


DSM-V. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento; 5 ed. Ver. Aristides Volpato Cordioli, et. al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LAROSSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, v.29, n.1, p.27-43, jan-jun, 2004.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume, 2011.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2000. P 7-34





MELO et. al. Despatologização das identidades trans: a saída para uma sociedade mais igualitária. **Ciências Humanas e Sociais**, v.3, n. 3, p. 69-84, Novembro, 2016.

PEREIRA, Pedro Paulo G. A teoria queer e a reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**, v.27, p. 469-477, Julho-Dezembro, 2006.

SANTOS, Anne R. T. As diferenças geracionais e a influencias das amigas travestis e gays no processo de hormonização das transexuais em Maceió-AL. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <  
[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373337294\\_ARQUIVO\\_FAZENDOGENERO.AneRafaeleT.Santos.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373337294_ARQUIVO_FAZENDOGENERO.AneRafaeleT.Santos.pdf)>. Acesso em 25 de Jul. 2018.

WELLER, Wivian, MOTTA, Alda. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar  
Diagramação: Thomas Aguiar

